

**PROCESSO SELETIVO PPGL/UEL – MESTRADO E DOUTORADO
TURMAS 2026/1**

PROVA DE LITERATURA

Código do(a) candidato(a): _____ Data: ____/____/____.

Instruções:

A prova tem duração de 4 (quatro) horas, sendo os primeiros 30 minutos reservados para consulta. As anotações do período de consulta são apenas para organização do raciocínio, não sendo permitida a utilização delas durante o restante do tempo.

A folha de almaço carimbada e rubricada deve ser utilizada apenas para o registro das respostas definitivas, pois será fornecido outro papel para rascunho.

O código do(a) candidato(a) (**jamaís o nome**) constará da lista de presença e deverá ser registrado em todas as folhas, inclusive nas utilizadas para rascunho das respostas. Tudo deve ser entregue ao final da prova.

Dentre as quatro questões abaixo, escolha apenas duas para responder.

Cada questão valerá 5,0 (cinco) pontos.

QUESTÃO 1

Em *Por que ler os clássicos* (1991), Italo Calvino propõe a reunião de ensaios críticos que percorrem textos, autores, cenários e personagens de reconhecida relevância para a historiografia da literatura ocidental. Escritores e poetas dos quais, inclusive, Calvino nutria considerável admiração. O artigo “Por que ler os clássicos”, que abre a coletânea e que cede o título para o próprio livro, empreende alguns conceitos acerca do que poderíamos conceber como “clássico”. Entre as diversas definições elencadas, convém sublinhar duas nitidamente emblemáticas: *a) Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer; b) Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.*

Tendo em vista as duas assertivas propostas por Calvino, analise o fragmento transcrito logo abaixo, assinado por José Saramago, da crônica intitulada “E agora, José?”:

Há versos célebres que se transmitem através das idades do homem, como roteiros, bandeiras, cartas de marear, sinais de trânsito, bússolas — ou segredos. Este, que veio ao mundo muito depois de mim, pelas mãos de Carlos Drummond de Andrade, acompanha-

me desde que nasci, por um desses misteriosos acasos que fazem do que viveu já, do que vive e do que ainda não vive, um mesmo nó apertado e vertiginoso de tempo sem medida. Considero privilégio meu dispor deste verso, porque me chamo José e muitas vezes na vida me tenho interrogado: "E agora?" Foram aquelas horas em que o mundo escureceu, em que o desânimo se fez muralha, fosso de víboras, em que as mãos ficaram vazias e atónitas. "E agora, José?" Grande, porém, é o poder da poesia para que aconteça, como juro que acontece, que esta pergunta simples aja como um tônico, um golpe de espora, e não seja, como poderia ser, tentação, o começo da interminável ladainha que é a piedade por nós próprios.

Mas outros Josés andam pelo mundo, não o esqueçamos nunca. A eles também sucedem casos, desencontros, acidentes, agressões, de que saem às vezes vencedores, às vezes vencidos. Alguns não têm nada nem ninguém a seu favor, e esses são, afinal, os que tornam insignificantes e fúteis as nossas penas. A esses, que chegaram ao limite das forças, acuados a um canto pela matilha, sem coragem para o último ainda que mortal arranco, é que a pergunta de Carlos Drummond de Andrade deve ser feita, como um derradeiro apelo ao orgulho de ser homem: "E agora, José?"

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

QUESTÃO 2

Em “Reflexões sobre o romance moderno”, Anatol Rosenfeld afirma: “Sabemos que o homem não vive apenas “no” tempo mas que é tempo, tempo não-cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como ponteiros de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. Não poderíamos ouvir uma sinfonia ou melodia como uma totalidade coerente e significativa se os sons anteriores não se integrassem, continuamente, no padrão total que por sua vez nos impõe certas expectativas e tensões dirigidas para o futuro musical. Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como um horizonte de possibilidades e expectativas”. (Rosenfeld, 2009, p. 82)

ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 75-97.

A partir das afirmações de Rosenfeld, escreva sobre a importância da relativização do tempo e do espaço para a constituição do romance moderno.

QUESTÃO 3

Considerando os trechos 1 e 2 do romance *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago, analise os efeitos estéticos e de sentido produzidos a partir da interação entre

história e ficção tendo como base as concepções sobre a metaficção historiográfica, de Linda Hutcheon (1991), presentes nos trechos 3 e 4.

Trecho 1

[...] Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro, recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos gêneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender, [...] Então o senhor doutor acha que a história é a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida real, quero dizer, Não tenha a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o deletur, suspirou o revisor. [...] (Saramago, 1989, p.15-16)

Trecho 2

[...] com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar, alguém teria de vir contar a história nova, e como. [...] (Saramago, 1989, p.50)

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. Lisboa: Caminho, 1989.

Trecho 3

A interação do historiográfico com o metaficcional coloca igualmente em evidência a rejeição das pretensões de representação “autêntica” e cópia “inautêntica”, e o próprio sentido da originalidade artística é contestado com tanto vigor quanto a transparência da referencialidade histórica. (Hutcheon, 1991, p. 146-147)

Trecho 4

A metaficção historiográfica sugere isso de forma autoconsciente, mas depois o utiliza para ressaltar a natureza discursiva de todas as referências – literárias e historiográficas. O referente é sempre já inserido nos discursos de nossa cultura. Isso não é motivo de desespero; é o principal vínculo do texto com o “mundo”, um vínculo que reconhece sua identidade como construto, e não o simulacro de um exterior “real”. Mais uma vez, isso não nega que o passado “real” tenha existido; apenas condiciona nossa forma de conhecer esse passado. Só podemos conhecê-lo por meio de seus vestígios, de suas relíquias. (Hutcheon, 1991, p. 57)

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

QUESTÃO 4

Tendo em vista a carta de Clarice Lispector escrita ao, então marido, Maury Gurgel Valente, em 02 de janeiro de 1942, observe o modo como a autora ficcionaliza uma viagem a caminho da Fazenda Vila Rica, lançando mão de recursos linguísticos que viabilizam procedimentos de produção de sentido e de efeitos estéticos tais como: o uso de clichês de feminino e de feminilidade, especialmente os que remetem aos códigos de conduta no cortejo entre homens e mulheres, presentes nos contos de fada e nos romances cor-de-rosa, a metalinguagem, a ironia etc. A partir disto, analise, com base na perspectiva da crítica feminista, em que medida o texto de Lispector contribui para a problematização/contestação – ou não – da estrutura patriarcal e das relações de sexo e de gênero, considerando o seu papel como escritora. Para tanto, utilize como apoio o trecho do texto teórico de Zolin (2019).

Texto literário

[A MAURY GURGEL VALENTE]

2/1/42

Alô, bem

Tudo muito poético. Uma chuva enorme me esperando na estação, um carro descoberto pra me conduzir à Fazenda guiado por um belo negro e dois cavalos; uma capa grossíssima, cheirando a cavalo, pra cobrir a jovem viajante.

E os solavancos. E a sensação de perigo (quase nenhum, infelizmente) ao atravessar o riozinho. Por um triz – uma aventura! Faltou justamente o carro virar e a donzela cair desmaiada sobre a terra, os loiros cabelos misturados à lama.

Que tolices estou dizendo?

Mal consigo disfarçar a impaciência, essa é a verdade. É preciso sempre desconfiar quando assumo esse sorridente ar infeliz.

Como vai benzinho? Como vão tuas mãos?

Escreva-me, bem. Quando se trata de apaziguar os outros, transformo-me subitamente numa grande fonte de serenidade. E eu mesma bebo dessa fonte.

Estou sendo literária? Juro, faço o possível para mergulhar bem fundo dentro de mim e retirar belas coisas simples.

Ratinho curioso, perdoe essa carta desconexa e insegura. Além disso, prometo escrever à máquina, da próxima vez.

Receba um grande abraço meu, bem.

Clarice

P.S. – Estou com saudade de você.

Fazenda Vila Rica

Avelar – Est. do Rio

LISPECTOR. Clarice; MONTERO, Tereza (org.). *Correspondências*. Rio de Janeiro, 2002, p. 17.

Trecho do texto teórico

O modo com que a crítica feminista lê a literatura, calcado nos pressupostos teóricos do feminismo, constitui-se a partir de contradições socioculturais que fazem emergir relação entre sexo e gênero, bem como suas consequências e desdobramentos. Em decorrência dessa origem, é compreensível o fato de essa tendência crítica não encerrar um modelo explicativo, homogêneo e monolítico, mas um complexo de visões e práticas, articulados ao redor de um objetivo básico: analisar e contestar a estrutura patriarcal de nossa sociedade, por meio da análise da constituição dos gêneros e da opressão de um gênero sobre o outro. [...] Antes de essa diversidade de discussões teóricas implicar um jogo de mocinhos e bandidos no universo da crítica feminista, implica diálogos salutareos, que só tendem a aprimorar os estudos acerca do tema “mulheres e literatura”. (Zolin, 2019, p. 245-246)

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2019, p. 223-250.